

George Steiner: o desafio da pós-palavra

Vera Bastazin*

George Steiner (Paris, 1929) é considerado, nos meios acadêmicos europeus e norte-americanos, um dos intelectuais que compõe a massa crítica mais sofisticada e atuante da passagem para o século XXI. Graduado pela Universidade de Chicago, em Illinois, realizou seu Mestrado em Harvard, Massachusetts (EUA), e doutorou-se em Oxford, no Reino Unido.

Estudioso que se deixou marcar pela diversidade em suas buscas intelectuais, teve, desde cedo, a oportunidade de conhecer e conviver com diferentes línguas e culturas. Aos 11 anos, quando sua família mudou-se de Paris para Nova York, o pequeno Steiner já dominava o alemão, o inglês, o italiano, além do francês como língua materna. A familiaridade com as diversas línguas o fará afirmar, quando adulto, que *o poliglota é um homem mais livre* na construção e expressão do seu pensamento.

Autor de inúmeras obras - entre as quais destacamos *Os livros que não escrevi*, na qual expõe seus maiores desafios intelectuais que vão de questões teológicas e sexuais, passando pelas relações de afeto entre homens e animais - Francis George Steiner aponta a contemporaneidade como o período da morte da leitura dos clássicos. Como professor, afirma que os alunos não trazem e nem cultivam mais referências de leitura, exigindo alternativas, às vezes quase impossíveis, para lidar com jovens para os quais Horácio, Virgílio, Dante ou Milton já não expressam significado. Daí sua indagação que incomoda e instiga a todos aqueles que se dedicam à docência, na área literária: “Como admirar o que não se conhece?”.

* Professora Doutora do Programa de Pós-Graduação em Literatura e Crítica Literária/PUC-SP, São Paulo, Brasil. vbastazin@uol.com.br

A modernidade, para Steiner, é uma época de muitas vozes, porém, são vozes em meio ao ruído que, apesar de insuportável para alguns, fascina aos jovens que vivem na *algazarra* e temem o silêncio - cada vez mais ausente, seja na cidade ou no campo. O autor afirma que o silêncio, hoje, tornou-se um luxo. Poucos são aqueles que têm acesso ao silêncio que, por sua vez, se torna um bem, cada vez mais restrito aos que precisam dele como condição vital para o sonho ou para o trabalho como escritor. Ler um clássico compartilhado ao som de ruídos veiculados por um reprodutor de mp3 é sujeitar-se a uma tecnologia que coloca em risco não apenas nossa relação com o livro como objeto, mas, de forma mais contundente, compromete a ação do homem no ato de ouvir, refletir e aprofundar o próprio pensamento. Comprometer a ação do pensamento reflexivo significa, para Steiner, um empobrecimento irreparável da capacidade intelectual. Conforme lembra o escritor, tudo que é sólido um dia poderá se desfazer, seja o concreto, o aço ou a pedra, mas o livro – esse objeto frágil de papel – é um produto da inteligência que permanecerá pulsante na mente humana como conhecimento que se perpetua no tempo.

Como professor audacioso e original, hoje com mais de 80 anos, Steiner se reveza entre as aulas nas Universidades de Cambridge e Genebra, depois de ter passado, entre outras grandes Universidades, por Yale e Stanford, nos Estados Unidos, e Cambridge, Genebra e Viena, na Europa. Sensível às variáveis culturais de nosso tempo, ele tem usado sua cátedra e seus inúmeros livros para expressar pontos de vista que instigam a reflexão sobre o fenômeno da linguagem e, mais especificamente, sobre o poder da literatura no âmbito da poesia.

Seu livro *Presenças Reais* (1993) foi concebido como uma obra transgressora e porosa à crítica e às polêmicas que envolvem o poder da linguagem. Entretanto, assim que divulgado, o livro trouxe à tona uma reação que surpreendeu dada a aceitação do público e da própria crítica. Argumentos bem construídos e conclusões convincentes alimentaram desdobramentos reflexivos dos mais diversos e colocaram em suspense alguns pensamentos tidos como verdades, por vezes, irrefutáveis.

Assim, no lugar da controvérsia, a obra acabou por produzir argumentos aguçados e, por assim dizer, ávidos por fecundar novos caminhos no âmbito das discussões da arte.

Se o conhecimento científico, tecnológico e artístico representa hoje, não algo meramente cumulativo, mas, acima de tudo, um comportamento humano pautado pelo dinamismo e pela busca de articulações com a natureza, então, a arte nos parece uma

das áreas de maior absorção e recriação do conhecimento. No bojo da produção artística e particularmente literária encontra-se o discurso – base de toda construção sistemática do conhecimento – que é capaz de tudo arriscar, não só porque pluraliza a voz, mas, sobretudo, porque possibilita, permanentemente, a criação-e-recriação do presente e do passado que só existem na (re)atualização do *aquí e agora*, assim como da prospecção hipotética de tudo que está por vir até mesmo como mera especulação.

A surpresa do homem frente à consciência de que tudo pode ser dito ou desdito, construído ou negado pelo uso da palavra, conduz Steiner (1993) – em “O Pacto Quebrado”, segunda parte da obra *Presenças Reais* – a enfrentar o desafio de propor uma reflexão sobre o fenômeno da linguagem fora do espectro da representação. Não deixa de ser este, também, um grande desafio para todo aquele que se propõe ao uso consciente e ao ensino da palavra nas suas várias formas de manifestação. Para tanto, o percurso do autor passa pela arbitrariedade do signo linguístico, buscando evidenciar que a relação entre a palavra e o objeto ou fenômeno da realidade é uma convenção vazia, ou seja, despida de qualquer sentido que possa dar suporte a uma compreensão lógica de relações.

A consciência da arbitrariedade da palavra dicionarizada leva à *irreverência* dos poetas. Amante do objeto sígnico, o poeta cria novas relações com a palavra, explorando, como já o fazia, não só a textura do som ou a concretude do traço gráfico, mas, também, avançando para a potência da palavra que diz e oculta, simultaneamente, no ato de afirmar e/ou negar a construção de novas realidades. O convite que ela (palavra) realiza para *o despertar* de outros significados e potencialidades, é estímulo suficiente para navegar sem rumo nas suas dimensões poéticas. Seria esta, talvez, a atração para se pensar não em um tempo para o qual a palavra perdesse seu valor, mas ao contrário, uma contemporaneidade que suscitasse o descolamento da palavra de seus significados imediatos pautados numa realidade que lhe é exterior e, portanto, até certo ponto, estranha – ocultada ou obliterada pelas luzes ofuscantes dos tempos modernos que cegam a lucidez de significados e os projetam na obscuridade das relações pluralizadas.

O pacto entre palavra e mundo - ampliado pela composição *logos e cosmos* - desenvolve-se e se fortifica, conforme Steiner (1993), pela intersecção que o pensamento ocidental estabelece, ao longo de sua constituição, com as mais diversas áreas do saber entre as quais se destacam a filosofia, a arte, a história e as religiões. É

dessas possíveis e substanciais conexões que se confere sentido ao mundo e à existência do próprio homem como *ser* pensante e interativo.

No livro *Presenças Reais* Steiner articula relações entre a experiência teológica e a formação do sentido na poesia. O que o autor defende em sua obra é que todas as teorias que pretendem explicar a criação nos deslocam de nosso mundo e nos colocam em contato com um outro que a razão, por si mesma, não nos permite entender. Em outras palavras, poderíamos dizer que o sentido mais profundo de toda obra de arte é, e permanece sendo, uma incógnita. Nessa direção, todo artista - músico, pintor, escultor, romancista ou poeta - é um ser de *poderes mágicos*, afeito a uma ação que, de certa forma, permanece como inexplicável, seja em seus propósitos e objetivos, seja no que respeita a seu ato de criação. Esse seria um dos sentidos que, no pensamento de Steiner as linguagens artísticas e teológicas se aproximam. Existe entre elas um algo inexplicável, que se coloca para o homem como inapreensível ou mesmo inatingível.

Nesta direção, ainda, o autor afirma que a criação estética existe porque o homem é, em si mesmo, um ser de *forma* criadora. Uma das relações possíveis entre a literatura e a teologia é a existência do *Outro* como uma realidade concreta. Para Steiner, a ordem religiosa é entendida não apenas como uma relação entre o homem e a existência divina, mas para além disso, num sentido mais difuso, “como uma ação impulsiva e inevitável do homem que o impele à exploração das possibilidades de sentido e de verdade que se encontram para além da apreensão ou demonstração empíricas” (Steiner, 1993, p.199-200). *Dar forma* à palavra é uma ação poética com todos os desafios que isso possa envolver e que acaba por conduzir para o papel e a função da arte e da literatura dentro de um determinado espaço e tempo.

Num tempo em que se nega qualquer sentido transcendente para a arte, um crítico de destaque como é Steiner propõe algo que transcende o poder da palavra, colocando-a como um excedente, cuja desmesura rompe limites e a coloca em nível de infinitude da linguagem.

Entre os limites da experiência imediata da língua comunicante e a transcendência da dimensão estética interpõe-se a reflexão sobre o *logos* e a palavra. Para Steiner, diferente do que afirma Wittgenstein, *os limites da linguagem não seriam os limites do nosso mundo*, isto porque não há fronteiras para o poder da linguagem. Ao contrário de qualquer outra capacidade humana que possui limites bem demarcados, a capacidade da linguagem é incomensurável.

Qualquer fala ou discurso pode permanecer vivo indeterminadamente, tanto quanto pode desaparecer ou transformar-se e mesmo gerar novas formas na imediatez de sua manifestação. A cada novo momento de expressão, a linguagem tem a capacidade de transformar o mundo. Sua capacidade é criativa por natureza. O ato de dizer é tão poderoso quanto o ato de desdizer - negar ou afirmar são poderes irmanados na palavra.

Nada existe que não possa ser desconstruído no uso e *abuso* da palavra. A própria noção de tempo e história são construções discursivas que advêm do poder da linguagem. Nesse sentido, coloca Steiner, é preciso ter consciência de que o homem é também produto dessa infinitude que a linguagem propicia. Construir ou desconstruir objetos no texto, assim como afirmar a existência de Deus tanto quanto certas teorias são dispositivos de linguagem que geram impacto em nossa capacidade de interpretar e julgar qualquer questão.

O pronunciamento da crítica de arte – seja ela metalinguística ou criativa – no âmbito semântico também constitui um sistema que pode ser verificado assim como refutado, contudo aqui não de maneira rigorosa, pois existe sempre uma ambivalência que tanto pode potenciar a refutação, quanto fazer valer a equivalência da não falsidade. Se o mais importante numa obra de arte é aquilo que não pode ser apreendido e, portanto, descrito pela linguagem, instaura-se o impasse da crítica: a impossibilidade de dizer o objeto de arte.

A constituição dos discursos se realiza no campo semântico e sintático-estrutural, podendo se desfazer ou desdizer por meio desse mesmo campo de expressão – esse seria o lado negativo, ou surpreendente, se assim se pode dizer, do poder ilimitado da linguagem.

No âmbito hermenêutico e crítico dos deslimites da linguagem, cabe lembrar, conforme Steiner que, se os atos de juízo não podem ser legitimados, em consenso institucional e cultural, eles acabam por estabelecer as obras que devem servir de referência àquilo que se elege como cânone estabelecido.

Na crítica da literatura, tudo que se diz acerca de uma obra constitui linguagem. Assim, no universo afirmativo ou desconstrutivo tudo é possível ser dito sobre o texto, na medida em que não há limitações para as proposições estéticas a não ser quando se esbarra na composição do cânone. Para o autor, ele é um referencial de valor significativo porque, se é impossível conhecerem-se todas as obras produzidas no interior de uma determinada cultura, então o cânone passa a ser a delimitação de um

universo necessário que não deve escapar como componente formativo para o conhecimento.

Entretanto, apesar de dinâmico – com variáveis que se alteram na passagem do tempo –, o cânone é o resultado de uma seleção de juízos, cuja prática é defendida pelo autor. O argumento é a força de sua transmissão, principalmente no tocante à formação educacional. O acesso dos jovens à formação de qualidade é, em nossos dias, fragilizada pelas novas tecnologias de difusão e reprodução que tornam incerta a busca e paradoxal o impacto das obras clássicas no indivíduo, o qual, por sua vez se vê dividido e disperso na multiplicidade de fontes sem parâmetros ou balizas.

Contudo, é preciso destacar também que se, por um lado, Steiner argumenta em favor da existência de um cânone, em função da garantia de um conhecimento básico sobre as grandes obras de um universo literário, que seriam de qualidade inquestionável, por outro, ele deixa também em suspenso a ideia de um consenso sobre a validação dos seus pressupostos. Chegar à eleição de um cânone exigiria admitir o resultado de uma política do gosto que se coloca, impreterivelmente, como um resultado de certa forma autoritário.

A questão do cânone é, portanto, uma questão intrincada do discurso crítico das correntes literárias. Falar em discurso crítico coloca em destaque a indagação sobre a possibilidade de um juízo ou interpretação de qualquer discurso que vise o resgate de um objeto que, como propósito e desafio, se coloca subvertendo nosso olhar e nossa apreensão frente às experiências na arte. Se, conforme Steiner, a língua é uma ficção inventiva, porque tudo pode, tal como o ato adâmico pode reinventar o mundo e a si mesmo em cada nova manifestação. A desestabilidade do discurso crítico passa a ser uma realidade de contornos inapreensíveis. O impacto do ato de dizer e desdizer recai sobre a capacidade de interpretar e julgar; e suas implicações e responsabilidades ocorrem de forma a relativizar a ação do crítico. Daí o desafio colocado por Steiner – como validar esse discurso?

Assim, para além da questão do cânone, coloca-se, então, o discurso crítico. Se o cânone é o resultado da seleção de uma minoria que se propõe a definir uma conduta para o gosto da leitura e os valores de uma obra, o discurso da crítica envolve, num espectro mais amplo e pulverizado, uma posição interpretativa que pode ser profundamente questionada frente à vulnerabilidade da afirmação ou negação do discurso e das verdades por ele veiculadas.

Na linha do cânone e da crítica, seguem também as bases teóricas que sustentam o pensamento sobre a literatura e as artes em geral. Tal como o cânone e o discurso crítico, as formulações teóricas também podem ser questionadas. Na busca de um conhecimento mais seguro para o pensamento reflexivo, o discurso teórico se revela como uma semântica regida também pela indeterminação. No fundo, toda experiência de linguagem é uma experiência que deve ser relativizada, pois não há como não esbarrar na incapacidade de descrever e/ou explicar os objetos na sua plenitude.

Todo discurso, conforme a linha de raciocínio de Steiner, seja ele teórico, crítico ou artístico, é um jogo de linguagem e, como tal, pode modificar o objeto de sua referência, chegando mesmo a reconstruí-lo ou negá-lo. No caso da literatura, a própria singularidade do objeto é sempre um potencial aberto à reproposições – criações em cadeia infinita. Esse pensamento faz com que literatura e religião tenham em comum, esse mistério da inapreensão do absoluto.

A ideia do *pacto quebrado*, que constrói o eixo motivador da reflexão proposta por Steiner, atrela-se às principais rupturas da história da percepção humana e, como tal, é uma questão ligada ao próprio discurso que engendra as mais diversas, senão todas, as áreas do conhecimento – das religiões à literatura; do universo mitológico às proposições filosóficas. Essas relações se devem estabelecer, acima de tudo, pelas conexões entre a palavra e o mundo muito mais do que qualquer convenção social, histórica ou filosófica. Todavia, este pacto entre a palavra e o objeto é quebrado na passagem entre os séculos XIX e XX. Dessa ruptura, afirma Steiner, resulta uma revolução cujas repercussões afetam toda a consciência da modernidade: é o tempo da *Pós-palavra* – epílogo ou mesmo, início de uma nova era. Os impasses trazidos pela consciência do poder da palavra já atravessam nosso século e continuam se desdobrando em labirintos de busca – desafios que se colocam ao homem e que a poesia como o mais rigoroso dos pensamentos pode ser um caminho, senão mais seguro, com certeza mais estimulante para se percorrer.

REFERÊNCIA

STEINER, George. O pacto quebrado. In: *Presenças Reais*. As artes do sentido. Lisboa: Presença, 1993.

Data de submissão: 06/05/2014

Data de aprovação: 18/06/2014